



Fig. 1: Regina Silveira, *Paradoxo do Santo*, 1994. Imagem: Atílio Avancini.

## ARTIGO

# REGINA SILVEIRA: OUTROS ENIGMAS

*A artista é agente de transformação da arte e do que se conta sobre a arte brasileira.*

*Nas suas obras, os conceitos e os modos de ver tencionam limites. O ponto de fuga renascentista, por exemplo, operação tida como lógica, é o meio de obtenção do absurdo e, sobretudo, as distorções da perspectiva questionam os modelos dominantes de representação do espaço.*

## ALECSANDRA MATIAS DE OLIVEIRA ABCA/SÃO PAULO

Tags: regina silveira; paradoxo do santo; museu de arte contemporânea da usp; alecsandra matias de oliveira; outros enigmas.

“Não há heróis para um serviçal”.  
Hegel.

Na contramão de qualquer tentativa de categorização, a produção de Regina Silveira (Porto Alegre, 1939) é perturbadora. A leitura das suas obras é tarefa complexa. Qualquer tentativa de cognição tende ao fracasso, caso não considere as diversas camadas interpretativas, entre elas: a mente inquieta da artista; o emprego das técnicas (da xilogravura ao digital) e a modulação de discurso (histórico, contínuo, disruptivo e crítico).

Nas suas obras, os conceitos e os modos de ver tencionam limites. O ponto de fuga renascentista, por exemplo, operação tida como lógica, é o meio de obtenção do absurdo e, sobretudo, as distorções da perspectiva questionam os modelos dominantes de representação do espaço. Sob os pressupostos platônicos, em alguns trabalhos, as sombras indicam a impossibilidade de se transpor o real para o representado (MORAES, 1995, p.13). Cada obra faz-se enigma; uma conversa entre Regina Silveira, a história e a pesquisa da arte no

Brasil nas últimas quatro décadas.

Na verdade, a artista é agente de transformação da arte e do que se conta sobre a arte brasileira. Sua experiência está também ligada ao ensino da arte. Sua prática orienta como fazer e, acima de tudo, instiga à reflexão sobre o “fazer artístico”: entre 1969 e 1973, ela lecionou na Universidade de Porto Rico. Em 1980, obteve mestrado, com a exposição *Anamorfias*, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) e defendeu o doutorado com a série chamada *Simulacros*, em 1984 - esses dois trabalhos foram pioneiros. Eles abriram as portas às poéticas visuais na pós-graduação da Universidade de São Paulo. Além disso, nas décadas posteriores, ela foi docente da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA USP), sendo responsável pela formação de muitos artistas, tais como, Rafael França (1959-1991), Mônica Nador (1955), Iran do Espírito Santo (1963) e tantos outros que passaram por seu campo de influência.

**DA EXPERIMENTAÇÃO AO RIGOR DO PROJETO, NÃO EXISTE FIDELIDADE A NENHUM INSTRUMENTO DE EXPRESSÃO - PARA ELA, O ARTISTA DEVE IR À PROCURA DOS CÓDIGOS, FERRAMENTAS E MATERIAIS NECESSÁRIOS A CADA TAREFA QUE SE PROPÕE...**

Rompendo a falsa dicotomia artista/professor, Regina Silveira entende a arte como *cosa mentale*, sendo assim, ela evidencia o aspecto conceitual da arte e dá justa importância aos aspectos operativos (CHIARELLI, 1995, p. 208). Da experimentação ao rigor do projeto, não existe fidelidade a nenhum instrumento de expressão - para ela, o artista deve ir à procura dos códigos, ferramentas e materiais necessários a cada tarefa que se propõe. Isso explica os mais diversos meios, tais como a pintura, a gravura, o desenho, a tapeçaria, a fotografia, o vídeo, a instalação e a imagem digital.

O diálogo entre a artista e a história da arte brasileira não se esgota nos modos de sua produção. Está também nos temas e questões que suscitam, entre eles, as relações entre arte, política, poder, memória, comunicação

e gênero - neste último o centro da questão não está na discussão sobre o feminino em seus trabalhos; está na ousadia dos grandes projetos voltados à arte em ambientes públicos (esfera, ainda hoje, predominantemente, masculina).

Recentemente, Regina Silveira tem intensificado a divulgação de suas pesquisas e trabalhos. Foi presença destacada na 34ª Bienal de São Paulo, com duas instalações: *Dilatáveis* (1981-2000) e *Paisagem* (2021). A pesquisa da série *Dilatáveis* deriva de seu doutorado *Simulacros*. Nela, apropria-se de fotografias retiradas de impressos de grande circulação e as reproduz usando a heliografia, assim, dá início ao emprego das projeções distorcidas - aspecto-registro de sua produção posterior. As figuras e sombras desproporcionais remetem-se à vida política e cultural dos anos de ditadura militar. Já *Paisagem* é um labirinto de vidros transparentes e cravejados por balas de revólver. As marcas de balas são falsas (vinil adesivado), mas revivem o discurso da insegurança pública no cotidiano dos grandes centros urbanos e lembram da

violência que sempre esteve presente nos processos de estruturação da sociedade brasileira.

**A RETROSPECTIVA OUTROS PARADOXOS NÃO É COMPLETA (MAS, É UMA DAS MAIS COMPLETAS) DE SUA TRAJETÓRIA. O ACERVO DO MAC USP TEM EXPRESSIVO NÚMERO DE OBRAS DA ARTISTA E, NOS ÚLTIMOS TEMPOS, RECEBEU MAIS DUAS DOAÇÕES DA ARTISTA...**

Como evento integrante da rede de expansão da Bienal, o MAC USP organizou mostra retrospectiva chamada *Outros paradoxos*. No mesmo período, Regina Silveira desenvolveu a série de tapetes *Tropicals*, executada sob medida para o lobby do hotel Rosewood no projeto Cidade Matarazzo, com imagens paródicas dos bichos brasileiros. E, simultaneamente, a artista inaugurou a *Fauna Mix*, exposição de cinco tapeçarias na Luciana Brito Galeria, *Touch*, instalação de grandes dimensões na recém-criada Galeria Hugo França, em Trancoso, e exposição individual da Galeria Bolsa de Arte, em São Paulo. Com grande capacidade de trabalho, organização e diversidade

de proposições, Regina Silveira tem movimentado o cenário atual da arte nos últimos dois anos. Haja vigor!

A retrospectiva *Outros paradoxos* não é completa (mas, é uma das mais completas) de sua trajetória. O acervo do MAC USP tem expressivo número de obras da artista e, nos últimos tempos, recebeu mais duas doações da artista que reforçaram sua presença como destaque da coleção - aqui cabe uma digressão: o MAC USP, em 2018, em parceria com o Paço das Artes, realizou a mostra *Paradoxo(s) da arte contemporânea*, na qual Regina Silveira é o cerne para a seleção de obras de artistas contemporâneos que, de certo modo, tratam de questões fomentadas pelo seu repertório. No centro dessa mostra, o *Paradoxo do santo* (1994) é a obra referencial - essa experiência mais uma vez mostra de modo concreto o campo de influência da artista/professora.

O abrigo do MAC USP às propostas e às exposições de Regina Silveira, merece reflexão aprofundada porque se “expor em um museu é também expor o museu” (BUREN *apud*, TAYLOR, 1995, p. 65) a



Fig. 2: Regina Silveira, obra impressa nas janelas do MAC. Imagem: Atílio Avancini.

trajetória desta artista conta sobre as escolhas institucionais do Museu, sobre suas políticas patrimoniais e artísticas ao longo desses anos -

expor seu percurso estético é também o discurso da contribuição do MAC USP para a formação da arte contemporânea nacional.

Retornando a *Outros paradoxos*, o título refere-se à instalação *Paradoxo do santo* (1994). E, por que novamente essa obra? O motivo para sua eleição talvez esteja na sua potência. Nela, a artista traz o imaginário latino-americano a partir da religião e do militarismo. A sombra do *Monumento a Duque de Caxias* (1960), escultura equestre de Victor Brecheret (1894-1955), feita em homenagem ao patrono do exército brasileiro que comandou as tropas na Guerra do Paraguai, é projetada a partir da pequena imagem de madeira de São Tiago, patrono militar da Espanha que inspirou as batalhas contra os mouros. As distorções de perspectivas enfatizam o paradoxo visual e conceitual entre um general sombrio com a espada e um ingênuo santo de madeira. Silveira atua aqui como o serviçal que despe o herói; interroga o santo. Convém dizer aqui que o *Monumento às Bandeiras* também é tomado como apropriação pela artista em *Monudentro* (1987 e 2001). A exemplo, então, a ideia de paradoxo está pressuposta em produções anteriores e posteriores. Assim, *Paradoxo do santo* poderia ser

levada à posição de obra-síntese? Os que tendem a responder que sim levam em conta que muitas obras seguem os aspectos formais e materiais desta instalação. Já os que pendem para o não entendem que outros trabalhos resultam de um processo criativo que guarda coerência, mas envolve conceitos e motivações diversas e, por isso, são criações inovadoras e, às vezes, sem relações com paradoxos. Então, de fato, qualquer tentativa de categorização da obra de Regina Silveira torna-se frágil. Algo perceptível quando se percorre os painéis e vitrines que abrigam proposições expressionistas, construtivas e conceituais. As mais distintas referências (objetos banais, multidões contidas em containers, escadas, símbolos geométricos, heróis, santos, pegadas de animais etc.), além dos sons de algumas instalações que nos remetem a tiroteios, aos barulhos do dia e da noite ou ainda a rangidos mecânicos. A exposição ainda apresenta esboços dos projetos, estudos de algumas obras, maquetes, vitrines com documentos e vídeos informativos.

Por fim, pairam os enigmas. Somem-se os meios, aos materiais e aos temas, a cada obra o espectador se depara com referências nem sempre aparentes. Suas proposições causam proposital estranhamento. Aos moldes de De Chirico (*apud*, SILVEIRA, 2010, p. 56) “(...) as criações parecem-me ainda mais misteriosas que os criadores”.

## REFERÊNCIAS

CHIARELLI, Tadeu. Artista e orientadora. In: MORAES, Angélica de. Regina Silveira. **Cartografias da sombra**. São Paulo: EDUSP, 1995, p. 203-218.

MORAES, Angélica de. Sob a pele das aparências. In: MORAES, Angélica de. Regina Silveira. **Cartografias da sombra**. São Paulo: EDUSP, 1995, p. 13-32.

SILVEIRA, Regina. **Linha de sombra**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2010.

TAYLOR, Brandon. **The art of today**. London: The Everyman Art Library, 1995.